Narrativas de bruxaria como expressões folkcomunicacionais: A cultura popular na ilha de Florianópolis/SC[1]

Karina Janz WOITOWICZ[2]
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PR)

RESUMO:
O presente artigo parte da obra de Frankin Cascaes (1908-1983) – artista e folclorista que registrou em textos, desenhos e esculturas a cultura e o imaginário popular na ilha de Santa Catarina – para apresentar as narrativas de bruxaria como expressões folkcomunicacionais. Além de oferecer elementos sobre a vida e a obra de Cascaes, o trabalho aborda a figura da bruxa na cultura popular e relata histórias de bruxaria na ilha de Florianópolis/SC, através de personagens e causos que revelam a herança da tradição açoriana no litoral catarinense e a sobrevivência das narrativas de bruxaria como um fenômeno da cultura popular e da religiosidade popular, preservado por meio do folclore.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; bruxaria; Franklin Cascaes; cultura popular.

Considerações Iniciais

Lendas, histórias e tradições constituem marcas dinâmicas do folclore, que permitem a preservação da cultura popular. Surgidas espontaneamente dos grupos sociais, tais expressões transportam um modo singular de vivenciar a cultura, construindo matrizes culturais que perpetuam a memória de uma determinada localidade.

Para Beltrão, a cultura popular é definida por expressões que nascem do povo e que se incorporam ao seu cotidiano: arte (dança, pintura, vestuário, artesanato, música, etc), hábitos, crenças, valores e saberes populares que transmitem informação e opinião. Em seus estudos, valoriza-se a capacidade de expressar os modos de viver e pensar do povo, como se pode observar nos registros do autor no livro *Comunicação e Folclore* (1971) sobre a informação oral (cantadores, caixeiro-viajante, chofer de caminhão), a informação escrita (folhetos, almanaques, livros de sorte, literatura de cordel) e outros veículos de folkcomunicação, como a religiosidade popular, as festas e danças populares (carnaval, mamulengo, bumba-meu-boi, queima do Judas, entre outras).

Assim, as manifestações da cultura popular constituem meios de comunicação que não apenas expressam uma determinada idéia, mas representam também uma forma

[1] Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Jornalista, doutora em Ciências Humanas, professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PR). E-mail: karinajw@hotmail.com

de ação ou contestação dos grupos marginalizados. Segundo Beltrão (1971), o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas e a folkcomunicação se baseia na utilização de mecanismos artesanais para expressar mensagens em linguagem popular.

Com base nestas referências sobre comunicação, cultura e folclore, o presente artigo busca recuperar, através da obra do folclorista Franklin Cascaes, as narrativas de bruxaria como expressões folkcomunicacionais presentes em Florianópolis/SC, de modo a indicar traços da religiosidade popular como espaços de constituição da cultura. Batizada de "Ilha da Magia", a cidade de Florianópolis guarda uma tradição secular em que a figura da bruxa representa o imaginário místico e religioso herdado pela colonização açoriana.

A partir desta temática, nas páginas que seguem serão apresentadas algumas referências sobre a vida e a obra de Franklin Cascaes, sua contribuição ao registro das narrativas de bruxaria e ainda relatos atuais colhidos junto às rendeiras da Lagoa da Conceição, localidade onde se concentra parte significativa das histórias de bruxaria em Florianópolis. O trabalho baseia-se, portanto, em uma pesquisa bibliográfica sobre o folclore catarinense, com base em Franklin Cascaes, e em entrevistas realizadas em 2008 em Florianópolis/SC, em uma pesquisa de campo em que se buscou observar as memórias da bruxaria nos relatos de antigos moradores da ilha.

Cultura popular na Ilha da Magia: memórias de bruxaria

Com as mãos rápidas, um sorriso simpático e palavras gentis, a rendeira Norma Barcelos[3], de 64 anos, vai tecendo um trabalho primoroso, enquanto lamenta que as novas gerações não se interessam pela renda e pelas histórias que aconteciam na Lagoa da Conceição, uma localidade da ilha de Florianópolis (SC). Entre uma memória e outra, desafia uma conversa agradável sobre a presença das bruxas na cultural popular da Ilha. "Os mais antigos falavam muito das bruxas aqui na Lagoa. Mas agora já não tem muito, não. Só que as bruxas não apareciam como bruxas, elas se transformavam em outras coisas. Elas gostavam muito de cavalo, gato, ou outros animais. Elas andam disfarçadas", conta a boca pequena.

Talvez sem saber, dona Norma está contribuindo diretamente para manter uma cultura popular cujo maior expoente, se estivesse vivo, teria completado 100 anos no dia

[3] Entrevista realizada pela autora em julho de 2008.

16 de outubro de 2008 – Franklin Cascaes, um sujeito que dedicou a vida toda a registrar as lendas, histórias e costumes dos descendentes açorianos na ilha de Florianópolis. Através da escrita, do desenho e da escultura em argila, o artista, folclorista e pesquisador, nascido na localidade de Itaguaçu (SC), desenvolveu um trabalho cuidadoso de preservação das tradições, usos e costumes do povo ilhéu, até a sua morte, em 15 de março de 1983. Como Norma, ele previa que a chegada do progresso traria impactos na cultura popular do lugar. Por mais de 50 anos, cuidou de recolher histórias e materializar o saber popular através da sua arte.

Cascaes (2003) disse certa vez: "Tive a felicidade de ser um dos primeiros a penetrar no interior da Ilha de Santa Catarina, antes mesmo de terem lá chegado os massivos meios de comunicação. Em alguns lugares não havia instalação elétrica, nem estradas, o que fazia com que as comunidades vivessem um mundo próprio, longe das influências dos centros urbanos, permitindo que suas vivências e manifestações se mantivessem livres de alterações provocadas por agentes externos". Esse universo mágico, de feitiços, lobisomens e boitatás, marcado pela religiosidade popular e pelos costumes de herança açoriana, presentes na tradição oral, o artista soube contar e recriar como ninguém.

Tal qual Luis da Câmara Cascudo (1898-1986), nascido em Natal (RN), autor de clássicos da cultura brasileira que registrou inúmeras lendas e tradições populares de diferentes regiões do Brasil diretamente da boca do povo – como fez no livro *Geografia dos mitos brasileiros*, em que o folclorista apresenta mais de 100 assombrações tais como o saci, o lobisomem, o curupira, a mula-sem-cabeça e diversos personagens que povoam a imaginação popular –, guardadas as devidas proporções e particularidades, Franklin Cascaes preservou, através de escritos, esculturas e desenhos, as histórias de seres fantásticos e os traços culturais da ilha de Florianópolis. Segundo Reis (2008, p. 06), deve-se a ele, que foi visto à sua época como um sujeito exótico, quase louco, o maior referencial de informações antropológicas sobre a cultura catarinense, que estava caindo no esquecimento.

Vida e obra de Franklin Cascaes (ou "Seu Francolino")

Franklin Cascaes foi a pessoa que se preocupou em registrar os temas do saber popular da ilha, especialmente a herança que os açorianos legaram. De acordo com

Gelci José Coelho[4], diretor do Museu da Universidade Federal de Santa Catarina, ele se preocupava com o progresso, com as tradições que estavam sendo ameaçadas, e passou a ter tudo por escrito. Mas como ele queria alcançar a educação, resolve ilustrar estas histórias, acreditando que vendo a ilustração as pessoas iam se interessar pelo texto, e descobrir estes universos. Não satisfeito com as ilustrações, ele vai fazer tudo isso em esculturas: as procissões, o trabalho, a pesca, a lavoura, folguedos folclóricos, brincadeiras infantis, crenças e mitos. É por isso que a sua obra tem uma contribuição importante: "registra a alma da nossa gente", observa.

Franklin Cascaes era descendente e portador da herança cultural legada pelos antigos colonos açorianos. Até os 21 anos, dedicou-se ao trabalho na pesca e na lavoura e participou ativamente das manifestações do calendário religioso. Mesmo sendo alguém imerso nesta cultura, Cascaes passava alguns períodos em comunidades de pescadores da ilha e lá convivia com as pessoas e registrava suas histórias. Ele desenhava em nanquim e fazia suas anotações e, quando retornava, também registrava as histórias e os seres imaginários em forma de escultura de argila. Depois ele voltava lá e deixava as esculturas.

"Era fantástico esse cuidado que ele tinha de visitar um lugar, depois expor seu trabalho como forma de reconhecimento e memória das lendas que eram contadas de boca em boca. O que ele fez foi transformar o conhecimento em arte", analisa o museólogo.

Gelci conta que o artista foi autodidata. Franklin beirava os 20 anos e nunca havia entrado em uma sala de aula. Mas ele recuperou o atraso e conseguiu se tornar professor da antiga Escola Industrial, onde iniciou seus estudos. Ele também era pesquisador da memória da cultura popular e folclorista, e fez por conta própria todo seu trabalho. Além disso, segundo Gelci, quando ninguém ainda falava de ecologia, ele já tinha um discurso muito crítico sobre a destruição das praias e sobre o que estava se perdendo na natureza. "Ele era um grande defensor da ilha, era apaixonado por este lugar, e isso fica muito claro nos seus escritos, que sempre exaltam a beleza do lugar e a riqueza da sua cultura".

"Seu Francolino", como Cascaes era conhecido, fez centenas de obras e era muito respeitado pelo povo. Ele fez muitas exposições em toda a ilha e também

[4] Entrevista realizada pela autora em julho de 2008.

montava uma exposição embaixo da grande figueira da praça, no centro da cidade. Cascaes colocava as figuras em volta da árvore e enchia de gente para ver.

"Era tanta gente que uma vez a rádio Guarujá se instalou embaixo da figueira para que as pessoas falassem, pelo rádio, o que viam", conta Gelci.

Ao que tudo indica, Franklin Cascaes usava mesmo estratégias muito criativas para divulgar e valorizar a cultura açoriana. Gelci relata que ele tinha uma kombi onde escrevia, na lataria, poemas de amor à ilha. "Não tinha como não ler. Ele estacionava no centro, ou na frente de uma escola, e chamava a atenção. Era isso que ele queria, em uma época que não tinha out-door", lembra.

Mas o reconhecimento acadêmico pelo trabalho de Cascaes aconteceu tardiamente, em meados dos anos 1970, quando se percebeu que sua obra tinha um valor artístico e uma importância também para a preservação da cultura. Hoje, não há dúvida de que a arte de Cascaes e sua genialidade são uma das maiores contribuições para a preservação da identidade cultural do litoral catarinense.

Como legado, deixou narrativas e anotações, desenhos em nanquim, figuras em argila e gesso, que compõem as deliciosas histórias produzidas por Cascaes, em seu trabalho de preservação do folclore e da cultura da ilha. O Museu da Universidade Federal de Santa Catarina abriga um acervo com cerca de 2.700 peças do artista. Também já foram publicados (e reeditados) pela Editora da UFSC dois volumes com as histórias de bruxaria registradas pelo pesquisador, sob o título *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, cada um com doze 'causos'. O trabalho, que conta com textos e desenhos, é dedicado às lendas e superstições envolvendo as histórias fantásticas de bruxaria na ilha de Santa Catarina, em que o autor preserva uma linguagem fonética que busca retratar a fala cotidiana do povo.

Nas narrativas de Cascaes, percebe-se seu encantamento com a imaginação popular e com o enaltecimento da natureza, presentes nas práticas mágicas que as gerações mais antigas cultuavam. Além de histórias surpreendentes de bruxas, os escritos publicados em *O fantástico na ilha de Santa Catarina* revelam também outros traços da cultura popular que misturam o lúdico, o profano e o religioso, tais como informações sobre as atividades de subsistência, a religião, os hábitos alimentares, entre outros costumes trazidos pelos colonizadores açorianos.

As bruxas são, portanto, um importante fragmento da obra de Franklin Cascaes. De acordo com Gelci, a principal herança cultural dos açorianos não é a bruxaria, mas o caráter religioso das manifestações folclóricas. Mas o encantamento que os mistérios em

torno das bruxas provocam serviu de inspiração inclusive para o nome "ilha da magia", pelo qual se conhece Florianópolis. Neste contextom é oportuno reconhecer a contribuição de Cascaes no registro destas manifestações folclóricas que se situam entre o sagrado e o profano, enriquecidas pelo saber popular.

Peninha: discípulo do artista, conhecedor da cultura popular

A obra de Franklin Cascaes se tornou conhecida graças ao trabalho dedicado e apaixonado do seu discípulo, Gelci José Coelho, que atua no Museu da Universidade Federal de Santa Catarina há mais de 30 anos. Peninha, como Gelci é conhecido, conviveu por 10 anos com Franklin Cascaes, tornando-se admirador, incentivador e amigo do artista. Ouviu as histórias lidas em voz alta por Cascaes e com profundo interesse soube valorizar o que o artista registrou no seu inseparável caderno de anotações, conhecendo um universo imenso de histórias da tradição oral sobre os seres fantásticos que povoam o imaginário popular.

Historiador, museólogo e responsável pela difusão da obra de Franklin Cascaes, desde os anos 1970, Peninha se intitula um "animador cultural" e manifesta plena disposição em divulgar a obra de Franklin Cascaes e a cultura popular catarinense, dentro e fora do Estado e do País.

Além de profundo conhecedor e apaixonado pela cultura popular, Peninha é também um grande contador de histórias. As de bruxaria, ele conhece como ninguém e conta de um jeito que encanta. Mas adverte: "ninguém acredita em bruxas, mas que existem, toda gente tem absoluta certeza. Por isso, antes de falar nas bruxas, melhor é fazer uma oração de espanta-bruxedo para se proteger, pois falar de bruxa atrai a bruxa para si". E, como um pouco de precaução não faz mal a ninguém, seguimos o conselho do Peninha: "*Treze raio tem o sóli, treze raio tem a lua, sarta Diabo pro inferno* que *esta alma não é tua...".*

As lendas de bruxaria vêm da Europa, especialmente da ilha dos Açores, por volta de 1750, para o litoral de Santa Catarina. Segundo Peninha, há uma relação de sagrado e de profano que está bem presente nestas histórias, de origem tão arcaica. Na verdade, as bruxas são, historicamente, mulheres de grande sabedoria, que indicavam remédios, eram as rainhas do lugar. "Elas não são somente ruins, e preferem incomodar quem não presta: uma vizinha fofoqueira, uma mulher rancorosa, são os alvos da bruxa. Também podemos dizer que as benzedeiras guardam este poder sobrenatural, usado para o bem", observa.

Sobre as histórias mais comuns envolvendo a figura da bruxa, presentes em diversas localidades da ilha, Peninha relata: "conta-se muito sobre as viagens das bruxas nos barcos dos pescadores. Elas roubam o barco e vão até a Índia, onde apanham ingredientes para fazer uma poção mágica, que passam sobre o corpo. Com essa poção, elas conseguem se metamorfosear e assumem poderes mágicos, como o de voar". O que elas fazem, segundo ele, é chupar o sangue das crianças, que ficam 'embruxadas' e só se curam com as rezas da benzedeira. Também trançam a crina dos cavalos, promovem a desordem na casa, enfim, praticam suas maldades.

Ele também lembra que as bruxas não podem se apresentar, porque se fizerem isso 'perdem o fado', ou seja, ficam sem poder. E elas só gostam de lugares formosos. "Dizem que a última coisa que Deus fez foi a ilha de Florianópolis, e fez com muito capricho. Por isso, ela é povoada por estes seres".

As bruxas na cultura popular

A figura da bruxa é encontrada no Brasil na região Sul, mais fortemente no estado de Santa Catarina, onde há significativa herança da cultura açoriana no imaginário popular. Sua imagem está associada a uma velha desdentada, corcunda, de queixo comprido, verruga no rosto e cabelos desgrenhados.

Reza a lenda que, quando nascem sete filhas de um casal, a última será, fatalmente, uma bruxa. A primeira providência a ser tomada, neste caso, é o batismo da mais jovem, que deve se chamar Benta, pela irmã mais velha. Dizem que elas lançam maus-olhados, acarretam enfermidades com os seus bruxedos e promovem todo tipo de desordem: se transformam em mariposas e entram nas casas pelo buraco da fechadura, chupam o sangue das crianças ou mesmo de pessoas adultas, fazem maldades e travessuras com os animais, entre muitas outras coisas, conforme relatos registrados por Franklin Cascaes.

E, como as bruxas preferem as crianças, é preciso batizar os recém-nascidos para protegê-los da "doença da bruxa", que faz a criança emagrecer e definhar até a morte. Outros costumes usados para espantar as bruxas consistem em dar às crianças alimentos à base de alho, espalhar alho nos quatro cantos do quarto e colocar tesouras abertas embaixo dos travesseiros. Outro antídoto é deixar uma cueca usada do homem da casa na entrada do lar.

Segundo a tradição, é possível saber se uma mulher é bruxa quando ela, ao cumprimentar, aperta a mão canhota (esquerda). Mas há muitos outros indícios da

identidade de uma bruxa, que podem ser observados no comportamento de mulheres invejosas, fofoqueiras e egoístas.

A referência às bruxas também aparece nos escritos de Câmara Cascudo, sob as mais diversas formas. Em "A bruxa e a tesoura aberta", o folclorista registra uma superstição amplamente difundida, em que a tesoura aberta funciona como um amuleto para proteger as pessoas contra o poder maléfico das bruxas.

E, em "Sapato emborcado", Câmara Cascudo faz a seguinte passagem: "Sancho Pansa não acreditava nas bruxas, mas tinha medo delas. '*Yo no lo creo en las brujas, pero que las hay, las hay'*, dizia".

No livro "O fantástico na ilha de Santa Catarina" (2003), Cascaes apresenta a seguinte reza benzedeira para espantar bruxas, colhida na memória popular:

"Treze raio tem o sóli
Treze raio tem a lua
Sarta Diabo pro inferno
Que esta alma não é tua.
Tosca marosca
Rabo de rosca
Vassoura na tua mão
Relho na tua bunda
E argulhão nos teus pés
Por riba do silvado
E por debaixo do telhado
São Pedro, São Paulo, São Frontista,
Por riba da casa São João Batista
Bruxa tatara-bruxa
Tu não me entre nesta casa
Nem nesta comarca toda
Por todos os santos dos santos,
Amém."

Práticas mágicas: bruxaria e benzimento

No livro *Meleagro*, Câmara Cascudo estuda as práticas tradicionais de magia branca no Brasil, identificando as heranças da cultura portuguesa e as adaptações que estas manifestações receberam em solo brasileiro. Uma parte da obra é dedicada ao "mau olhado", uma superstição que sobrevive ao tempo e revela a crença em uma força mágica capaz de produzir doenças e desgraças.

Contra o mau olhado e o quebranto (uma das conseqüências mais notáveis do mau olhado), invoca-se a magia dos amuletos e das benzeduras como forma de afastar os poderes maléficos que atingem preferencialmente as crianças. Câmara Cascudo

descreveu o mau olhado da seguinte forma: "alguém olhou com olho mau a criança, a moça, a roseira, o animal bonito, a árvore frondosa. E nesse olhar veio a força maléfica, a energia agressiva e mortal, o veneno imponderável".

E, como a "má olhadura" existe e se manifesta em todo lugar, não faltam rezas, muitas vezes acompanhadas com água benta e gestos rituais com ou sem ramos verdes de arruda, para acabar com ela. Uma muito conhecida na oralidade popular brasileira diz: "Deus te fez, Deus te crie, Deus te desolhe de quem mal te olhou; se é torto ou excomungado, Deus te desolhe do seu mau olhado".

Nas narrativas de bruxaria, os sintomas do mau olhado se assemelham aos provocados pela ação da bruxa. Uma criança 'embruxada' apresenta manchas roxas pelo corpo, fraqueza, indisposição, insônia e não consegue se alimentar. Para conter estes efeitos maléficos, recorre-se às benzedeiras, que são dotadas de poderes mágicos e podem acabar com os feitiços das bruxas.

Histórias de bruxaria, na memória popular

Muitas histórias de bruxas que enriquecem a tradição oral foram cuidadosamente ouvidas e registradas por Franklin Cascaes. São narrativas sobre bruxas que atacam cavalos e galopam com eles pelos céus, baile de bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria, metamorfoses de bruxas, que se transformaram em boi, galinha e formas distintas, além de ataques a pescadores e crianças, histórias sobre bruxas gêmeas, armadilha para apanhar bruxas feita com pilão de chumbar café, congresso de bruxas, orquestra bruxólica, bruxa chefe, entre inúmeras outras.

Nos dois volumes de *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, Cascaes preserva os modos de dizer dos moradores da ilha para narrar os feitos das bruxas, as práticas das benzedeiras e o rico cenário de manifestações folclóricas que encontrou em suas andanças pela ilha.

> Aquelas lia dos Açôri, de onde os nossos avó viero, foro sempre munto infestada por muié bruxa que robô embarcação pra mó de fazê viagem inté a Índia em quatro horas, dãi nó nos rabos e crinas dos cavalo, chupo sangue de criancinha, intico c'as pessoa grande e pratico mil malas-arte", conta um dos personagens no causo "Congresso bruxólico", que fala sobre uma reunião de bruxas comandada pelo demônio. E prossegue com a descrição da bruxa-chefe: "são muié terríveis que já nascero c'a sina de sê marvada e judiadera da vivença das pobre criatura que tão morando nesta Terra, a mo'de meia alugada, sujeita a aceitá o bem e o máli por riba das costa em quarqué tempo e em quarqué hora. (CASCAES, 2003)

E, em "Mulheres bruxas atacam cavalos", as maldades provocadas pelas bruxas são motivos de pavor para os moradores da ilha:

> Duns tempo pra cá começô a aparecê neste lugá um bando de muieres bruxa que é um deus-nos-acuda. Quági todo nosso gado ta duente; galinha que drome em pulero de arvoredo aminhece morta; os cavalo ando, de noite, galopando aí pelos ari qui nem locos e aparece de minhã nos pasto c'as crina e c'os rabo cheio de nó, que quági não se pode desatá, e, ainda por riba de tudo, sangrando. Os gado fico inté meio maluco, e as galinha morre sem um pingo de sangue dentro do corpo. Elas chupo as galinha no dedo mindinho, os gado e os cavalo, em quarqué parte do corpo deles. Rapaz, a judiaria que elas pratico c'as criança daqui deste lugá mete dó inté no coração dum home malifazejo. (CASCAES, 2002)

Um dos causos mais notáveis registrados por Cascaes é o "Balanço bruxólico", que narra a história de um homem que se atreveu a desafiar o poder bruxólico, cortando um cipó em forma de balanço usado pelas bruxas, que soltava faíscas de fogo. Quando a notícia sobre o encantamento se espalhou, foi preciso apelar para todas as benzeduras conhecidas para se proteger dos poderes mágicos das bruxas na localidade da Lagoa da Conceição. Assim relata Cascaes:

> Famílias que possuíam crianças trataram de chamar benzedeiras e benzedores para exorcizarem-nas; coloraram rosários feitos com nove dentes de alho vestidos, enfiados em linhas vermelhas e penduradas no pescoço delas; espalharam cisco de três marés e mostarda embaixo dos berços de criancinhas tenras; acenderam velas bentas de sexta-feira Santa nos quartos de dormir delas e depois rezaram o creio-em-deus-pai por riba dos berços de trás para frente; taparam todos os buracos das fechaduras das portas com cera virgem de abelha; queimaram palha benta de domingo de Ramos dentro da casa, fizeram cruz com cana-do-reino, também recolhida na sexta-feira Santa, antes de o sol ser parido, e as colocaram entre caibros e ripas do teto da casa; colocaram atrás das portas, em vasos, alecrim e arruda; sobre todos os portais espalharam cinzas do borralho e, atrás de cada porta, com tinta preta, desenharam uma cruz de sino-saimão (signo-de-salomão). (CASCAES, 2003)

Com estes registros, Franklin Cascaes, em Santa Catarina, assim como Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, foi um dos grandes responsáveis pela preservação da memória destas e de outras histórias, lendas ou crenças populares. Ainda hoje, muitas destas histórias são lembradas pelos moradores mais antigos de Florianópolis,

especialmente as benzedeiras, que costumam ser chamadas sempre que coisas inexplicáveis atormentam os lares e exigem soluções através de poderes mágicos.

Muitos dos causos registrados por Franklin Cascaes estão ainda no imaginário popular. A rendeira Norma Barcelos conta uma história que ouviu muitas vezes de sua mãe, que morreu com 97 anos e, no dia do aniversário, anunciou que estava partindo. "Os mais antigos aqui da Lagoa conhecem bem essa história. É sobre o dono de uma lancha, que andava desconfiado de três mulheres. Você sabe, as bruxas sempre andam em três, nunca andam sozinhas".

Dona Norma conta que ele se escondeu no barco, pra ficar espiando, e as três mulheres partiram com ele a bordo. A uma certa altura, lembra a rendeira, uma delas falou: "que catinga de sangue real!". Elas perceberam, então, que tinha gente por perto. "As mulheres foram para um lugar distante e ele ficou morrendo de medo, escondido no barco, com medo de ser descoberto. Quando chegou de manhã, aqui na Lagoa, ele viu que estava seguro, saltou do barco e disse: "vocês não são mais bruxas, não". Você sabe que, quando descobrem quem é a bruxa, ela perde o poder, assim como o lobisomem".

Dona Norma, que faz benzimento para coser "nervo magoado, carne rasgada e osso quebrado", diz que há muitas outras histórias que o povo contava, mas observa que essas crenças estão acabando e sendo esquecidas.

Elias Joaquina Duarte[5], de 78 anos, rendeira há 63 e conhecida pela sua habilidade na confecção de tramóias, estrelinas, bicos de pato e margaridas, também partilha desta impressão. "As bruxas embruxavam as crianças, então as mães procuravam as benzedeiras, davam banho de ervas. A bruxa era sempre alguma vizinha, ou alguém que tinha inveja. Hoje, ninguém mais fala sobre isso por aqui".

Dona Elias faz todo tipo de benzimento e observa que hoje só as pessoas de mais idade fazem isso. "Ainda me procuram para fazer alguma reza, principalmente nas crianças, mas as pessoas não estão mais se preocupando com isso. As benzedeiras, assim como as rendeiras, estão se acabando, porque os mais novos não se interessam. Uma pena, uma pena...".

As histórias foram se perdendo, mas ainda hoje as pessoas fazem amuletos de defesa, com ervas, por exemplo, para se prevenir dos malefícios bruxólicos. O batismo das crianças e as rezas das benzedeiras também costumam ser lembrados como formas de protegê-las de todo mal.

[5] Entrevista realizada pela autora em julho de 2008.

Segundo Peninha, Cascaes mesmo observou que as pessoas contavam as histórias pela metade, sem muitos detalhes, e achou que estavam esquecendo dos causos de embruxamento. "Não esqueceram, não. É que não falam sobre as bruxas, para não atraí-las", explica.

É por isso que se diz que, na cultura popular da ilha, as bruxas existem, sim. Estão vivas nas memórias, nas expressões populares, no artesanato e até mesmo no samba-enredo de grupos carnavalescos, como é o caso do Baiacu de Alguém, grupo existente na localidade de Santo Antônio de Lisboa, que resgatou a história da bruxa Hercília no samba-enredo Baiacu Embruxado:

> Baiacu caiu na rede
> Foi Ambrósio quem pescou
> Foi a mando de Hercília
> A mulher do pescador
> Que era bruxa!
>
> Hercília, a sétima filha
> De uma família lá do Sambaqui
> Ela nasceu bruxa e maldita
> É o que acredita o povo daqui
> A menina cresceu
> A menina casou
> Seu poder descobriu
> Quando mulher virou.
>
> Hercília, prá uma magia
> Queria o veneno do tal Baiacu
> Era prá uma feitiçaria
> Que poluiria os mares do sul
> Baiacu percebeu
> Que o mal dela cresceu
> Rebolou e inchou
> E o feitiço acabou.
> Abracadabra, na ilha da magia
> Abracadabra, tem feitiçaria.
> (*Baiacu de Alguém*, 2006)

Pelos registros de Cascaes e pelas memórias de moradores da ilha de Florianópolis, pode-se perceber a força do folclore, que mostra que as bruxas continuam a embruxar crianças, sair à noite nos barcos dos pescadores e usar seus poderes para provocar todo tipo de estrago nos lares, plantações e criações. É nestas narrativas que reside a representatividade da cultura popular, que em seu processo dinâmico preserva e atualiza as experiências e as tradições que constituem o folclore catarinense.

Referências:

BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. Volume I. 5ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

_____. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. Volume II. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2ª edição. São Paulo: Global Editora, 2002.

"Lenda das bruxas". Disponível em: http://www.regipara.com/site/13/pg19.asp. Acesso em: 12/07/2010.

LIMA, Fernando de Castro Pires de. "Mau olhado". Em: *Folclore*. Vitória, julho/dezembro de 1951. In: Revista On-line Jangada Brasil, julho de 2001, ano III, n. 35. Disponível em: http://www.jangadabrasil.com.br/julho35/pn35070b.htm

REIS, Cláudia Schaun. "Histórias contadas de meninos para meninos". Jornal Universitário da UFSC, maio de 2008, n. 390, p. 6-7.

SMAICLOVÁ, Gabriela. "A memória viva dos mitos brasileiros". Disponível em: http://www.premioibam.cz/doc-07/Gabriela_Smaiclova.pdf. Acesso em: 20/07/2010.